

Questão Racial: Uma breve apresentação acerca do percurso intelectual de Florestan Fernandes e seu encontro com o tema¹

Dérik Bezerra Machado PGCS UFES²

Resumo:

O presente artigo propõe-se a examinar alguns aspectos da trajetória de vida de Florestan Fernandes até se tornar uma referência intelectual. Tal percurso culminará no entrelaçamento da questão racial com a questão social, desdobrando-se na constituição da Escola paulista de sociologia, que inauguraria uma nova fase do pensamento social brasileiro. Uma vez situado o importante papel de sua vivência da infância à juventude, o texto parte da compreensão e interpretação do autor sobre o pensamento social brasileiro, ressaltando suas matrizes teóricas, influências, metodologias e campos de pesquisas. Tomando como referência a pesquisa desenvolvida por Florestan e Roger Bastide, examina-se o contexto social, o rigor teórico na pesquisa e o percurso aberto por suas elaborações, e influências sobre a constituição da escola paulista. Por fim, identifica-se, na construção da interpretação social do Brasil, uma tradição crítica, que evidencia e enfatiza alguns métodos de análise da realidade até então pouco comuns entre os autores do pensamento social brasileiro. A reflexão centrará seus esforços na trajetória intelectual de Florestan Fernandes, bem como em suas importantes contribuições.

Palavra Chave: Trajetória; Raça; Florestan Fernandes.

Abstract:

This article proposes to examine some aspects of Florestan Fernandes life trajectory until it becomes an intellectual reference. This course will culminate in the intertwining of the racial question with the social question, unfolding in the constitution of the São Paulo School of Sociology, which would inaugurate a new phase of Brazilian social thought. Once the important role of his experience from childhood to youth is established, the text starts from the author's understanding and interpretation of Brazilian social thought, highlighting his theoretical matrices, influences, methodologies and research fields. Taking as reference the research developed by Florestan and Roger Bastide, we examine the social context, the theoretical rigor in the research and the course opened by its elaborations, and influences on the constitution of the school of São Paulo. Finally, a critical tradition is identified in the construction of Brazil's social interpretation, which highlights and emphasizes some methods of analyzing reality that until then were uncommon among the authors of Brazilian social thought. The reflection will focus his efforts on the intellectual trajectory of Florestan Fernandes, as well as on his important contributions.

Keyword: Trajectory; Race; Florestan Fernandes.

Introdução

O pensamento social brasileiro já há algum tempo é objeto de pesquisa de diversos intelectuais que, amparados na realidade social, procuram interpretar as relações sociais, e assim, definir as determinações centrais para a constituição de uma identidade nacional.

¹ Trata-se de um primeiro esforço para localizar na obra do autor Florestan Fernandes o caminho percorrido até o encontro com a questão racial como objeto de pesquisa. O texto será utilizado na dissertação a ser desenvolvida.

² Mestrando do programa de pós-graduação em ciências sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Desde a conjuntura marcada pelo processo abolicionista com desfecho em 1888, até a contemporaneidade, alguns formuladores da teoria social não medem esforços para compreender e interpretar quais as consequências sociais, econômicas e culturais desta inserção tardia do Brasil no que Florestan Fernandes (1978) vai chamar de “Ordem social competitiva”.

Um primeiro movimento que é importante demarcar é a busca, mediante uma aproximação fenotípica, do que se entendia como sociedade mais desenvolvida, principalmente da América anglo-saxônica e Europa, com predominância de brancos. Segundo essa premissa, tal demanda era fundamental para superar o atraso econômico e cultural do povo brasileiro que, neste momento de sua formação, tinha uma população predominantemente de negros e mestiços.

Alguns esforços intelectuais foram despendidos principalmente a partir de Nina Rodrigues e Alberto Torres, que amparados em uma influência de teorias sobre o determinismo biológico, muito presente para afirmar a superioridade de uma raça sobre a outra, atribuíam a uma população predominantemente negra, o elemento chave para o fracasso dessa nação recém constituída. Uma solução imediata a partir desta ordem teórica foi uma política estatal que estimulou a vinda de imigrantes europeus, principalmente Italianos e Alemães, que tinham como principal função a contribuição para o processo de branqueamento da população, e assim, dar o passo necessário para adequação à ordem social capitalista. Carvalho assinala acerca das consequências desse processo,

Os negros foram excluídos tão intensamente do mercado de trabalho que, já em 1901, 90% dos operários industriais em São Paulo eram imigrantes. O pouco capital técnico, social e econômico que os negros haviam acumulado até o final do século XIX tinha sido desfeito pelos incentivos abertos do Estado brasileiro, em benefício dos imigrantes europeus, como concretização da ideologia do branqueamento (CARVALHO, 2004, p.63).

Devido a algumas variáveis não previstas pelos formuladores da política do branqueamento, o movimento não atinge os resultados esperados, e a miscigenação, que estava relacionada a degeneração da raça branca, ganha uma nova roupagem a partir de uma transição do determinismo biológico para o conceito de cultura. Munanga afirma,

[...] Gilberto Freyre fez seu aparecimento no cenário para atender a essa nova demanda. Ele retoma a temática racial até então considerada não apenas como chave para a compreensão do Brasil, mas também para toda a discussão em torno da questão da identidade nacional. Porém, ele desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito da “raça” ao conceito de cultura (ORTIZ apud MUNANGA, 2008, p. 75).

A partir dos anos de 1930, as teorias de Gilberto Freyre passam a ser fundamentais para embasar essa nova fase formulativa dos autores do pensamento social brasileiro. Desta quadra histórica em diante a mestiçagem torna-se o símbolo de um país que supostamente evidencia uma certa harmonia de raças, diferente de nações onde o conflito de raças é presente. Tal contexto geraria um certo interesse de nações externas que buscavam um exemplo de harmonia racial.

Donald Piersons foi o primeiro pesquisador incumbido da responsabilidade de buscar essas conclusões. Em seus estudos em Salvador, Bahia, no ano de 1937, chegou à conclusão de que não existe conflito racial como no seu país de origem, os Estados Unidos, e que o Brasil seria uma “sociedade multirracial de classe”.

Em São Paulo, é responsável pela pesquisa organizada pela UNESCO, Roger Bastide, e um jovem intelectual, chamado Florestan Fernandes. Inaugura-se um campo de pesquisa essencial para a interpretação das relações raciais no Brasil.

A partir deste breve caminho dividiremos a análise da produção intelectual de Florestan até a sua consolidação como principal referência da escola paulista em dois momentos. O primeiro, exaltar o marco teórico do principal integrante da escola em relação a uma análise crítica da teoria social até então desenvolvida. O segundo, apontará as principais orientações, com base no recorte teórico, e importância do encontro do autor com a questão racial, e por fim faremos nossas conclusões.

Florestan, de engraxate a fundador da Escola Paulista de sociologia

Florestan Fernandes nasce em São Paulo em 1920, filho de uma imigrante portuguesa, Dona Maria Fernandes. Teve uma infância bastante modesta na recente cidade industrializada de São Paulo, e nessa fase inicial de sua vida não pôde ser chamado pelo próprio nome de batismo, Florestan, por ser um nome associado à classe média, e não a um filho de uma lavadeira, passando assim, a ser chamado de Vicente.

De Vicente a Florestan, sua juventude também foi marcada por condições adversas, a ponto de não ter tido a oportunidade de terminar seus estudos. Só mais tarde, já com seus 17 anos, incentivado, por clientes do restaurante onde trabalhava como garçom, pela sua capacidade autodidata, volta aos estudos e conclui um programa de supletivo. Pleiteia então uma vaga na Universidade de São Paulo.

Com enormes dificuldades para acompanhar as aulas, que eram dadas em outras línguas, Florestan adquire um rigor e um ritmo de estudo de 12 até 16 horas por dia para dar conta de acompanhar.

Na universidade passou a ser conhecido e chamado por Florestan, mas jamais esqueceu o Vicente. Segundo seu próprio relato, Vicente era praticamente parte do lupemproletariado³, que começou a trabalhar com apenas seis anos de idade. Florestan (1984) faz questão de lembrar que Vicente constituiu seu caráter no aspecto da vida material, o que culminará, na sua maturidade, em sua autointitulação de marxista revolucionário. Florestan resume,

“Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra escolar que recebi, através das duras lições de vida [...]. Iniciei a minha aprendizagem ‘sociológica’ aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto, e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade [...]. A criança estava perdida nesse mundo hostil e tinha de voltar-se para dentro de si mesma para procurar, nas técnicas do ‘corpo’ e nos ‘ardis dos fracos’, os meios de autodefesa para a sobrevivência. Eu não estava sozinho. Havia minha mãe. Porém, a soma de duas fraquezas não compõe uma força. Éramos varridos pela ‘tempestade da vida’ e o que nos salvou foi nosso orgulho selvagem [...]” (FERNANDES, 1994, p, 1)

A Escola Paulista de Sociologia aparece em âmbito nacional a partir dos anos 1950. É difundida e ganha notabilidade a partir dos anos 1960, tendo como marco comum a constituição de um grupo que propiciava pesquisas articuladas com estudos, principalmente a partir do projeto da UNESCO, que objetivava pensar a situação do negro no Brasil. Para tal tarefa foi designado o professor Roger Bastide, que assim convida um jovem intelectual, o Florestan.

Pensar os elementos constitutivos do que vem a ser a chamada Escola Paulista de Sociologia perpassa por entender um pouco do percurso teórico do sociólogo Florestan Fernandes, que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento teórico, analítico e

³ Na concepção marxista significa abaixo do proletariado; miserável, aquele que mal consegue produzir e reproduzir a vida.

metodológico em termos de pesquisa, sobretudo no que virá a ser chamado de sociologia crítica no país.

Florestan Fernandes foi a figura paradigmática da escola, e seu grupo de pesquisadores produziram pesquisas articuladas, que renderam vários outros trabalhos. O jovem professor concebeu um projeto de sociologia acadêmica, em que foi fundamental a existência de uma universidade que pudesse desenvolver a agenda da pesquisa.

Além disso, estabelecer o marco teórico e o percurso de Florestan requer uma pequena reconstituição histórica dos passos decisivos da constituição das ciências sociais enquanto disciplina no país. O primeiro movimento do presente artigo é localizar as formulações de Florestan Fernandes neste sentido. Segundo Otávio Ianni,

É esse o horizonte histórico a partir do qual o conjunto da produção da história do pensamento social brasileiro, tida como valor sociológico, parece articular sob nova luz. Nessa ótica, é possível ler o presente e o passado, tanto em termos de teoria quanto de história. Ficam esclarecidas, ou pelo menos um pouco mais nítidas, quais as contribuições sociológicas válidas, as vezes fundamentais, ainda que esparsas, episódicas. Aí entram escritos de Tavares Bastos, Perdigão Malheiros, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, José Veríssimo, Euclides da Cunha, Manuel Querino, Alberto Torres, Oliveira Lima, Paulo Prado, Oliveira Viana, Manuel Bonfim e outros. E também se esclarecem quais as contribuições sociológicas que se inserem em uma espécie de sistema significativo de obras, autores, temas, interpretações, controvérsias. Aí entram Gilberto Freyre, Caio Prado Jr, Sérgio Buarque de Holanda, Arthur Ramos, Fernando de Azevedo, Emílio Willem, Hebert Baldus, Donald Piersons, Samuel Lowrie, Jaques Lambert, Charles Wagley, Roger Bastide, L.A Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré, Thales de Azevedo, Raymundo Faoro, Antônio Candido, Florestan Fernandes e outros. Em uma primeira geração por assim dizer, predomina a pesquisa de cunho histórico ao passo que, na segunda, passa-se a valorizar o campo. (IANNI, 2004, p. 25)

Otávio Ianni localiza Florestan na terceira geração da sociologia brasileira, junto com nomes como L.A. Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe dentre outros (IANNI, 2004). Na perspectiva de Ianni, emerge no campo da sociologia brasileira tradições, estilos e tendências determinantes para aquilo que a posteriori levarão o nome de escolas. Ianni ressalta,

Aos poucos, no ambiente intelectual brasileiro, dentro e fora da universidade, configuram-se várias escolas de sociologia. Algumas mais visíveis e ativas, outras menos, mas indiscutivelmente várias: em São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre entre outros centros de atividade universitárias ou produção intelectual independente. (IANNI, 2004, p. 27-28)

Dentre esses estilos, tendências e escolas, enfatizaremos a que aos nossos olhos cumpre um papel paradigmático, coincidindo com um momento auge de consistência teórica e científica da produção sociológica como ciência no Brasil. A relação do pensar sociológico na conjuntura histórica brasileira é marcada pela ascensão da ordem social competitiva,

dos resquícios do antigo regime, herdados principalmente pelas classes dominantes, e pela inauguração de “uma linguagem sociológica que descortina novas possibilidades de pensar e modificar a sociedade e a história”(IANNI 2004, p. 28). Ianni completa,

Florestan Fernandes é o fundador da sociologia crítica no Brasil. Toda a sua produção intelectual está impregnada de um estilo de reflexão que questiona a realidade social e o pensamento. As contribuições sobre as relações raciais entre negro e brancos, por exemplo, estão atravessadas pelo empenho de interrogar a dinâmica da realidade social, desvendar as tendências desta e ao mesmo tempo discutir as interpretações prevaletentes. No mesmo sentido que suas reflexões sobre os problemas de indução sociológica avaliam cada uma e todas as teorias, os métodos, técnicas de pesquisas e explicação, da mesma maneira que oferecem novas contribuições para o conhecimento de condições lógicas e históricas de reconstrução da realidade. (IANNI, 2004, p. 28-29)

A sociologia crítica é elemento fundante para a trajetória intelectual do pensamento de Florestan Fernandes, assim como um fundamento teórico e prático constitutivo do que estamos denominando de escola paulista de sociologia. “Ao submeter o real e o pensado na reflexão crítica, descortina as diversidades, desigualdades e antagonismo apanhando as diferentes perspectivas dos grupos de classes compreendidos pela situação” (IANNI, 2004, p. 29).

Florestan (1984) ressalta que a neutralidade científica está no campo ideal, e opta por usar o termo objetividade. O cientista, afirma, não pode ser neutro, já que tal postura é impraticável no campo da ciência. Toda profissão é uma construção social, e Florestan foi o principal mentor de uma sociologia, assim como do papel do sociólogo, antropólogo e cientista político. Estes não são em si mesmo agentes de mudança, porém, dependendo da dimensão da luta de classes, o intelectual pode ter contribuições valiosas no campo da pesquisa e na elaboração teórica. Também ressaltava a importância de o sociólogo participar do cotidiano social, enfrentar os dilemas nacionais como cidadão, ser inconformista, militante, engajado.

Florestan é um intelectual que investe na sua carreira profissional sob uma perspectiva de legitimar os fundamentos lógicos e históricos da explicação sociológica, visivelmente respaldada no referencial teórico construído ao longo dos anos pela sociologia, principalmente os clássicos da elaboração sociológica, ou seja, “o método funcionalista, ou objetivo sistematizado por Durkheim; o compreensivo, formulado por Weber; e o dialético, criado por Marx” (IANNI, 2004, p. 33)

Na sociologia desenvolvida por Fernandes, com larga predominância em termos de desdobramentos para a Escola Paulista de Sociologia, podemos destacar cinco influências decisivas: a primeira está relacionada a sociologia clássica e moderna, com a qual o autor estabelece um debate amplo e crítico, dialogando com os principais autores das ciências sociais, “Comte, Durkheim, Le Play, Mauss, Gurvitch e Bastide; Weber, Sombart, Pareto, Simmel, Tonnies, Wiese, Freyre e Manheim; Spencer, Hobhouse, Malinowski, Radcliffe-Brow e Ginsberg; Colley, Giddings, Park, Burgess, Parsons, Merton e Mills (IANNI, 2004, p.34-35)

A segunda é uma marcante influência da teoria marxista, “um contínuo e crescente diálogo com as obras de Marx, Engels, Lenin, Trotsky e Gramsci, entre outros” IANNI (2004, p. 35), principalmente os elementos atribuídos ao método dialético. A terceira está relacionada ao diálogo com alguns teóricos do pensamento social brasileiro, com um posicionamento sobre a realidade mais crítico, como “Euclides da Cunha, Lima Barreto, Manuel Bonfim, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Caio Prado Jr (IANNI, 2004, p. 36)”.

A quarta influência importante segundo Ianni (2004), está relacionada principalmente com as transformações em curso na sociedade brasileira, desde o processo de industrialização, crescimento das cidades, fluxos migratórios, crescimento de movimentos sociais, partidos, mudanças de governos, até alguns outros processos marcantes de modificações sociais.

Já a quinta influência estaria relacionada, nas palavras do próprio Florestan, aos “de baixo”, os quais são invisibilizados nas relações sociais na perspectiva da classe dominante. Em suma, “É o negro, escravo e livre, isto é trabalhador braçal, na lavoura e na indústria, que descortina um horizonte inesperado, amplo” (IANNI, 2004, p. 38). Otávio complementa,

Ao lado do índio, do imigrante, colono, camarada, peão e outros, a presença do negro na história social brasileira desvenda as perspectivas fundamentais para a construção do ponto de vista crítico na sociologia, nas ciências sociais e em outras esferas do pensamento, “As coisas que tiveram maior importância na minha obra como investigador se relacionam a pesquisas feitas na década de 1940 [...] como a pesquisa sobre relações raciais em São Paulo feita em 1950-1951, em colaboração com Roger Bastide (e suplementada por mim em 1954). Esse trabalho puramente intelectual conformou o meu modo de praticar o ofício de sociólogo.” (IANNI, 2004, p.38)

Nesse primeiro movimento, evidenciamos algumas influências marcantes no itinerário intelectual do sociólogo Florestan Fernandes. Já a proposta para o segundo momento é inserir na dinâmica da questão racial, o acúmulo teórico do autor e suas influências que fizeram da escola paulista uma importante referência para a questão racial.

Florestan e a questão racial, primeiro contato

Antes de abordarmos esse encontro de Florestan com a questão racial, cabe fazer menção a algumas obras do trajeto acadêmico anterior do autor, que de certa forma já o colocava como um intelectual ímpar no processo de produção e pesquisa em ciências sociais. Ianni assim apresenta,

Nos anos de 1941 a 1944 fez bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Em 1946-1947 completou o curso de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, na Escola Livre de Sociologia e Política. Tornou-se mestre em 1947, com a tese “A organização social dos tupinambá”; doutor em 1951 com “A Função social da guerra na sociedade tupinambá”; livre-docente em 1953, com “Ensaio sobre o método e interpretação funcionalista na sociologia”. (IANNI, 2004, p.16)

Florestan não havia se deparado ou elaborado acerca da questão racial até o convite de Roger Bastide para participar da pesquisa da UNESCO, porém, é importante localizar também, de forma breve Roger, no início do processo de elaboração teórica conjuntamente com Fernandes. Guimarães situa,

Roger Bastide, empreende em 1944 a sua primeira viagem pelo nordeste brasileiro. As impressões recolhidas nessa viagem, muito influenciada pela leitura de Freyre, ajudaram a formar a sua primeira percepção sobre as relações raciais no Brasil. Essas impressões serão modificadas apenas nos anos de 1950, a partir do momento em que Bastide se engaja com Florestan Fernandes numa pesquisa de campo sobre “brancos e negros em São Paulo” patrocinado pela UNESCO e pela revista *Anhembi*. (GUIMARÃES, 2012, p. 152)

O intuito do projeto da UNESCO é debater as relações raciais no Brasil, e estabelecer suas principais características a partir de uma matriz constituída ao longo da elaboração teórica do pensamento social brasileiro em torno de um suposto consenso de que no país imperava um processo de harmonia entre as raças. Nesse sentido, Guimarães traz mais elementos,

No pós-guerra, a grande novidade que representou a vulgarização do conceito de “cultura”, cunhado pelas ciências sociais, em detrimento do conceito biológico de “raça”, será a de negar o caráter irreversível da inferioridade intelectual, moral e psicológica dos negros. Não o de negar tal inferioridade, senão de transferi-la para o plano da cultura, tornando-a passageira e reversível. No nível do senso comum, a desmoralização da ideia de raça não significará o fim imediato dos estereótipos que atingiam a população negra – estes se manterão razoavelmente intactos, perdendo talvez seu caráter de imutabilidade - ; representará, isto sim, uma arma poderosa de incorporação dos mestiços – mulatos, pardos, principalmente morenos – aos

espaços econômicos, simbólicos e ideológicos da nação (incluindo aí a reivindicação de direitos civis e sociais). (GUIMARÃES, 2012, p. 155)

Entrando no mérito da obra construída sob a direção de Florestan e Roger, Brancos e Negros em São Paulo, percebemos a dimensão e o rigor teórico metodológico para aplicação de uma pesquisa de fôlego, com importância ímpar e decisiva para interpretação das relações raciais em São Paulo e conseqüentemente para a teoria social brasileira. Para fazer um breve relato sobre essa importante obra trataremos alguns elementos relacionados ao campo, objeto, opções metodológicas e etc. Cardoso assim apresenta,

Florestan sonhava com poder repetir em São Paulo o que os sociólogos da escola de Chicago haviam feito naquela cidade, transformando-a em um verdadeiro laboratório de análises. Estudo proposto pelo editor da revista Anhembi, Paulo Duarte, a Roger Bastide e a Florestan sobre a questão do negro em São Paulo abria uma oportunidade para isso. Paulo Duarte não só era um grande patrocinador dos novos sociólogos,, publicando-os na revista Anhembi, como era muito bem relacionado internacionalmente havia trabalhado no Musée de l'Homme em Paris e mantinha relações de afeto e respeito com Lévi-Strauss. (CARDOSO, 2008, p. 9-10)

A partir dessa relação com o editor chefe da revista Anhembi, “que o então diretor de ciências sociais da UNESCO, Alfred Mètraux, chegou a São Paulo com a ideia de se fazer uma pesquisa sobre o contacto interétnico no Brasil” (CARDOSO, 2008, p. 10). Porém, cabe ressaltar que a expectativa dos patrocinadores era de que a realidade racial brasileira evidenciasse principalmente as diferenças entre o Brasil e os Estados Unidos, em relação aos aspectos raciais. Nos EUA era um momento de um intenso processo de conflito racial em resposta a segregação, enquanto que o Brasil dava supostamente claros indícios de uma relação racial harmoniosa, percepção muito difundida por autores anteriores a Escola Paulista de Sociologia, como Gilberto Freyre e Donald Piersons.

Florestan tinha um perfil peculiar e uma disciplina rígida no processo de pesquisa, e não por acaso, a insistência de Bastide em tê-lo na equipe. Clovis Moura acrescenta,

Ele não via o problema do negro como simples tema acadêmico, mas compreendia-o como dilema nacional e para o qual as soluções apresentadas até agora eram retóricas e irrelevantes, quanto não desconversa deliberada, apoiada em uma ideologia racista subjacente. Esta é a diferença radical de Florestan Fernandes e os demais cientistas sociais que se ocupavam do tema: ele não via o problema do negro “de fora”, mas nele se integrava, dele participava. Essa ligação orgânica entre o cientista e o homem levava-o a procurar a solução política do problema e nela interferi numa práxis de totalidade entre o cientista, o homem com a sua sensibilidade e o político com suas ferramentas de ação. (MOURA, 1996, p. 1)

Sua posição em relação a questão racial é a de quem nasceu em cortiço. A pesquisa com Bastide contou com a participação do movimento negro, de estudantes e assistentes. Foi objetiva e muito documentada, a ponto do próprio Florestan enfatizar que não são livros

ideológicos e sim de caráter científico. Florestan (1984) ressalta e assinala o que o movimento negro dos anos 1930 e 1940 já dizia, e tinha razão ao afirmar que no Brasil havia graves problemas nas suas relações étnico raciais, determinando o que o movimento negro chamava de necessidade de uma “segunda abolição”. Rompe-se assim com a posição da sociedade oficial, permeada pelos valores da classe dominante, dando origem ao esboço de uma leitura antagônica por parte da classe dominada.

A partir dessa pesquisa de fôlego sobre a questão racial em São Paulo, emerge a necessidade de uma sociologia que fosse a fundo nos dilemas sociais, étnicos e culturais da sociedade brasileira. Nesse processo, forja-se o que mais tarde ficará conhecida como Escola Paulista de Sociologia. Trilhando esse caminho, o principal propósito de Fernandes estava “em buscar a afirmação da sociologia crítica e formar pesquisadores autônomos” (CERQUEIRA, 2004, p. 57). Cerqueira assinala seus principais colaboradores nessa busca,

Seus alunos e colaboradores, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Maralice, Mencarini Foracci, Maria Silvia Carvalho Franco, Luiz Pereira, Paul Singer, Juarez Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues Neto, Roberto Cardoso de Oliveira, José Carlos Pereira, José de Souza Martins, José Cesar Aprilante Gnaccarini, Gabriel Cohn e outros da mesma linhagem trilham o mesmo caminho, desenvolveram pesquisas sobre a questão racial e outras áreas afins. Publicaram trabalhos na mesma linha de interpretação, com produção autônoma, e ajudaram a consolidar a sociologia moderna. (CERQUEIRA, 2004, p. 58)

Encontra-se aqui, um primeiro esboço do que viria a ser a Escola Paulista de Sociologia, inaugurando uma referência intelectual, principalmente respaldada numa modalidade crítica de apreensão da realidade, racial, social e econômica.

Considerações Finais

O intuito inicial desse artigo foi demonstrar, a partir de uma parte da trajetória de vida do sociólogo Florestan Fernandes (da infância ao início da carreira de docente), os caminhos que o levaram a se tornar um intelectual respeitado, a partir de uma visão das ciências sociais, crítica e engajada, militante e ao mesmo tempo elaborada teoricamente com rigor metodológico, fincada nos autores que são pilares de sustentação para a sociologia, Marx, Weber, Durkheim, contribuindo decisivamente para a constituição de uma arma teórica necessária para a consolidação de uma sociologia crítica e fiel aos “de baixo”.

Nota-se, no percurso intelectual do Florestan, o peso de algumas determinações concretas nas suas escolhas, como as relacionadas aos percalços ocasionados por uma vida de dificuldades, e o quanto essas barreiras podem ter contribuído para levá-lo a pensar e desmontar os aspectos que escondem as verdadeiras contradições de uma sociedade de classes.

Importante ressaltar que apesar da questão racial não aparecer de imediato nas primeiras formulações do autor, seus próprios relatos de vida enfatizam uma convivência nítida com condições tão adversas como as enfrentadas por boa parte da população negra paulista. Não é por acaso que o autor se identifica com o tema de forma quase imediata, de quem apesar de não ser negro, compreende-se como sujeito excluído dessa ordem em ascensão no país.

O argumento que gostaríamos de sustentar nesse sentido é o de que a questão racial é de extrema importância para o surgimento e consolidação de uma forma de pensar e instrumentalizar o saber sociológico, a partir de uma matriz crítica, que busca na realidade uma diferenciação do que é aparente e do que é essencial para sua interpretação.

Seu interesse pela questão indígena e a questão racial contribuirão para dar sustentação, maturidade intelectual e, principalmente, firmeza nas suas convicções políticas, elementos esses que serão mais bem explorados na continuação desse texto, em que abordaremos com mais profundidade a elaboração do autor sobre a questão racial.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. 4 Ed. São Paulo, Global, 2008.

CARDOSO, Fernando Henrique, (Prefácio), In BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. 4 Ed. São Paulo, Global, 2008.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. 2. Ed. São Paulo: Attar Editorial, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Volume 1. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **A Integração do negro na sociedade de classes** 2 volumes .Editora: Ática, 1965.

_____. **Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141994000300011> Acesso em 07/11/2017.

GUMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo. Ed. 34, 2002.

IANNI, OCTÁVIO, **Florestan Fernandes, sociologia crítica e militante**. São Paulo: Expressão Popular. 2004

_____, **Raças e Classes Sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MUNANGA, Kabelege. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____ (org). **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005

MOURA, Clóvis. **A dimensão política do pensamento de Florestan Fernandes com o problema do negro**. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/moura/1996/05/florestan.htm>> Acesso em 05/11/2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=dPAYUfcwR0E>> Acesso em 06/11/2017.